



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

A SIMBOLOGIA DAS CORES EM OBRAS DE LYGIA BOJUNGA NUNES

THE SYMBOLOGY OF COLORS IN WORKS BY LYGIA BOJUNGA NUNES

Vanusa de Queiróz Coelho¹
Márcia Maria de Melo Araújo²

Resumo:

Este texto tem por objetivo fazer uma breve amostragem da simbologia das cores nos romances *Corda Bamba* (1979), *O meu Amigo Pintor* (1987), *Nós Três* (1987), da escritora de literatura Infantojuvenil Lygia Bojunga Nunes e contribuir para a formação de leitores. Percorreremos os principais conflitos dos romances e, por meio da simbologia das cores, uma nova leitura será codificada. Usaremos o método fenomenológico de Husserl, em que o foco se dá no específico, no particular, no individual e no subjetivo. Optamos pela pesquisa qualitativa, para compreender como Lygia utiliza da simbologia das cores para abrandar os problemas sociais abordados em seus romances. Os resultados mostram que Lygia Bojunga constrói as suas narrativas utilizando a influência das cores para simbolizar e caracterizar fantasias, situações e uma infinidade de temas que reinam em nossa psique.

Palavras-chave: Simbologia. Cores. Leitores. Lygia Bojunga.

Abstract:

The purpose of this research was to make a brief analysis of the color usage and its symbolisms in: *Corda Bamba* (title means “Tightrope” - 1979), *My Friend the Painter* (1987), *Nós Três* (title means “Us Three” - 1987) novels by Brazilian young adult novelist Lygia Bojunga Nunes and thereby contribute to the development of readers. By going through the novels main conflicts, while taking into consideration the color symbolisms, a new way of reading will be made possible. The Husserl’s Phenomenological Method in which the focus is shifted to the specific, the particular, the individual and the subjective was used. The path of qualitative research was chosen to better understand the way Lygia uses the color symbology to soften the social issues addressed in her novels. The results show that Lygia Bojunga has built her narratives by using colors and their influence to further symbolize and characterize fantasies, situations and a plethora of themes that rule our psyche.

Keywords: Symbology. Colors. Readers. Lygia Bojunga.

1 Introdução

¹ Professora Pesquisadora da UEG - Universidade Estadual de Goiás, Mestranda em Estudos Literários e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura e Interculturalidade (POSLLI – UEG). E-mail: vanusaqueiroz3965@gmail.com.

² Doutora e Mestre em Letras e Linguística pela UFG. Docente do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI – UEG). E-mail: marcia.araujo@ueg.br.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Lygia Bojunga Nunes (1932) é uma escritora brasileira de literatura Infantojuvenil que, atualmente, alterna sua residência entre Londres e Rio de Janeiro. Ela recebeu vários prêmios nacionais e internacionais, dentre eles o Prêmio Hans Christian Anderson, o mais importante prêmio literário da literatura Infantojuvenil; trabalhou como atriz, tradutora e autora de rádio e tv; escreveu 23 livros com traduções em 20 idiomas. Suas obras são: *Os Colegas* (1972), *Angélica* (1975), *A Bolsa Amarela* (1976), *A Casa da Madrinha* (1978), *Corda Bamba* (1979), *O Sofá Estampado* (1980), *Tchau* (1984); *O Meu Amigo Pintor* (1987), *Nós Três* (1987), *Livro, um Encontro* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991), *Paisagem* (1992), *Seis Vezes Lucas* (1994), *O Abraço* (1995), *Feito à Mão* (1996), *A Cama* (1999), *O Rio e Eu* (1999), *Retratos de Carolina* (2002), *Aula de Inglês* (2006), *Sapato de Salto* (2006), *Dos Vinte 1* (2007 – coletânea de capítulos dos livros anteriores), *Querida* (2009), *Intramuros* (2016).

Lygia Bojunga, por meio de seus escritos, cores e linguagem simbólica, cercada de emoções, abre nossos olhos, desperta-nos para diversas formas de abordagens de assuntos que podem ser considerados tabus, principalmente para o público infantojuvenil.

Uma obra literária é como um tecido que vai sendo alinhavado, construído de retalhos, linhas, cores e formas. As obras lygianas induzem-nos a uma interpretação intrínseca, assaz de significados não acabados, pois diferentes símbolos são tratados por meio das cores. Pautamo-nos na hipótese de que a obra de Lygia Bojunga permite diversas abordagens ao tratar assuntos considerados delicados para crianças, tais como: a perda dos pais, em *Corda Bamba* (1979); o suicídio, em *O meu Amigo Pintor* (1987); crime passionnal, em *Nós Três* (1987). Este estudo também trata das teorias das cores e propõe uma análise da simbologia das cores nos romances citados.

De acordo com Silva (1994), a obra ficcional de Lygia Bojunga equilibra fantasia e realidade, sendo um grande incentivo à literatura Infantojuvenil pela interação e pelo protagonismo infantil, além da formação, reflexão, autoconhecimento e amadurecimento do leitor diante das diferenças, dos tabus e normas sociais preestabelecidos pela sociedade vigente.

Para Silva (1994), a obra lygiana apresenta duas fases: a luminosa e a cinzenta. A fase luminosa é representada pelos primeiros escritos, de 1972 a 1980. Incluem-se *Os Colegas*, *Angélica*, *A Bolsa Amarela*, *A Casa da Madrinha*, *Corda Bamba* e *Sofá Estampado*. A fase cinzenta se estende de 1984 a 1987, incluindo *Tchau*, *O Meu Amigo Pintor* e *Nós Três*.

Lygia Bojunga explora o poder das cores, proporcionando reações e sensações diversificadas, como mexer com as funções orgânicas, atividades sensoriais, emocionais e afetivas. Nesse sentido, notamos que o estudo da cor permite conhecer a sua função psíquica como fator de atração, sensação e sedução. Ademais, trataremos a cor como signo cultural e psicológico, bem como investigaremos tipologias, influências de olhar e fenômenos do cromatismo na luz, com o objetivo de conjugar elementos conotados pela imagem e a sintaxe simbólica como chave para entender a trajetória da obra de Lygia, “transitando da luminosidade à penumbra”, conforme ressalta Silva (1994, p. 88). Acreditamos que, por meio do estudo das cores, teremos um aliado no projeto de formação de leitores, um dos objetivos desta pesquisa.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Lygia Bojunga Nunes (1932) é uma escritora brasileira de literatura Infantojuvenil que, atualmente, alterna sua residência entre Londres e Rio de Janeiro. Ela recebeu vários prêmios nacionais e internacionais, dentre eles o Prêmio Hans Christian Anderson, o mais importante prêmio literário da literatura Infantojuvenil; trabalhou como atriz, tradutora e autora de rádio e tv; escreveu 23 livros com traduções em 20 idiomas. Suas obras são: *Os Colegas* (1972), *Angélica* (1975), *A Bolsa Amarela* (1976), *A Casa da Madrinha* (1978), *Corda Bamba* (1979), *O Sofá Estampado* (1980), *Tchau* (1984); *O Meu Amigo Pintor* (1987), *Nós Três* (1987), *Livro, um Encontro* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991), *Paisagem* (1992), *Seis Vezes Lucas* (1994), *O Abraço* (1995), *Feito à Mão* (1996), *A Cama* (1999), *O Rio e Eu* (1999), *Retratos de Carolina* (2002), *Aula de Inglês* (2006), *Sapato de Salto* (2006), *Dos Vinte 1* (2007 – coletânea de capítulos dos livros anteriores), *Querida* (2009), *Intramuros* (2016).

A influência das cores

A natureza é como a cor, tempera nossa vida e influencia nossas percepções e comportamentos. A Bíblia Sagrada (2006), mostra no livro de Gênesis, 1:3: “E disse Deus: Haja Luz. E houve Luz”, uma luz imensamente branca e pura, contida em todos os seres vivos, que constituía a energia de fundação do ser. O átomo, no extremo da sua pequenez, move-se graças a uma energia que produz luz. Esta é a energia de que depende todo corpo humano, que modifica o metabolismo dos animais. Ela é responsável pela metamorfose da natureza, por meio das estações do ano. Nessa energia/luz, todas as cores do espectro estão contidas. E cada cor produz uma vibração específica para cada pessoa: uma mesma cor pode seduzir, inspirar, agredir, provocar ou contrariar, numa linguagem que remete ao consciente e ao inconsciente.

Nas tribos, das mais primitivas às mais evoluídas, venerava-se o sol, representação da ‘onipotência’. A prática do culto do astro luminoso promovia a benevolência dos deuses, tanto no que representava às colheitas quanto no tocante ao bem-estar físico e espiritual do ser humano. Intuitivamente, os curandeiros das mais antigas civilizações sabiam que a luz e as cores eram indissociáveis. (BRONSON, 2011, p. 15).

As cores trazem uma representatividade subjetiva para o homem desde os primórdios, com uma gama de significados não acabados. Elas aguçam os sentidos unindo o fantástico, o real, o simbólico e o imaginário, influenciando as reações sobre o mundo.

Valcapelli (2007), em seu livro *Os Segredos das Cores*, aborda a influência que as cores exercem em cada órgão do nosso corpo e como se dá seu uso no tratamento de doenças. Já a obra *Doutrina das Cores*, de Goethe, passados 200 anos da sua publicação, ainda hoje é muito procurada por tratar a cor como, além de um fenômeno fisiológico, um produto de interação entre retina e cérebro, que pode aparecer de forma distinta entre as pessoas. Assim, Goethe (2013) afirma que nenhum sistema isolado é capaz de desenvolver a sensibilidade



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

para a cor. Embora suas experiências sirvam como um ingresso para familiarização com as ambiguidades cromáticas, o intercâmbio entre as cores só se efetiva através do uso da mente.

Para Argan (*apud* Goethe, 2013), as cores são como obras científicas e literárias ou outro gênero novo, como a literatura científica. Bastos, Farina e Perez (ano), em *Psicodinâmica das Cores em Comunicação*, tratam do efeito fisiológico e psicológico das cores, que estimulam impulsos e desejos, provocando perturbações ou emoções.

Em outras obras, Lygia Bojunga Nunes também faz referência às cores, como no livro *Paisagem*:

De manhã cedo eu escrevi um cartão pro Lourenço dizendo que eu tinha ficado muito interessada no sonho dele, mas que ele não tinha me falado da cor do sonho. As pedras, por exemplo, de que cor elas eram? E o barco? E a casa? (BOJUNGA, 2013, p. 22).

No livro *A Casa da Madrinha*, a narradora descreve a maleta da professora, que trazia pacotes variados e coloridos, indicando a surpresa do dia. Nessa maleta, havia vários pacotes – branco, verde e até cor-de-burro-quando-foge: “pacote azul, era dia de inventar [...] pacote cor-de-rosa era dia de aprender a cozinhar... pacote vermelho era dia de viajar” [...] (BOJUNGA, 2009a, p. 60).

Em outra obra, *A bolsa Amarela*, as personagens interagem com o espaço por meio da descrição cromática, indicando, assim, os anseios e sentimentos vividos na cena, como no diálogo entre Afonso e Raquel: “Olha como o céu tá cinzento – o Afonso falou. – Compra papel vermelho, vai ficar um bocado bonito no meio de tanto cinza. Comprei, mas também comprei amarelo: tô sempre achando amarelo genial.” (BOJUNGA, 2009b, p. 126). Já no livro *Sapato de Salto*, temos o seguinte: “E ela disse que Betinho era um nome azul mais forte, mãe era mais pra amarelo, saudade era bem cor-de-rosa, tinha dado pra ver tudo colorido [...]” (BOJUNGA, 2018, p. 20).

Para Goethe (2013), nada pode ser exterior a nós, o mundo se reflete no sujeito. Os próprios fenômenos objetivos também devem se manifestar nele. Goethe, na verdade, não separa o homem do mundo. Diante disso, não se faz necessário, aqui, alongar sobre informações teóricas sobre as cores e a tantos exemplos em obras de Lygia. “Os processos de uso e percepção da cor não ocorrem de modo fixo, inalterável mas trazem consigo marcas próprias de cada época e dos diferentes meios culturais. A cor deste modo constitui uma linguagem, e como tal requer aprendizado e reflexão”. (GOETHE, 2013, p.121)

Husserl (2001), no seu livro *A ideia da Fenomenologia*, entende a cor como algo fenomenológico, que nos leva a apreender pelos sentidos, numa consciência mutável pelo momento e pela experiência. Assim, na batalha da interpretação da simbologia das cores, surgem novas esclarecimentos, podendo estimular e enriquecer o leitor.

No simples fantasiar de uma cor, a existência, que coloca a cor como realidade no tempo fica fora de questão; a seu respeito nada se julga e nada dela é também dado no conteúdo da fantasia. Mas esta cor aparece, ela está aí, é um isto, pode tornar-se o sujeito de um juízo e de um juízo evidente. Portanto, nas instituições da fantasia e nos juízos evidentes que nelas se



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

fundam, anuncia-se um modo de dar-se. Sem dúvida, se nos fixarmos na esfera do individualmente singular, não se enceta grande coisa com tais juízos. Só quando constituímos juízos genéricos de essência é que obtemos objetividade firme, como a ciência exige. (HUSSERL, 2001, p. 101).

Husserl deixa explícito que as cores são entrelaçadas por diferentes referências interligadas à percepção. Por exemplo: o vermelho, em um dado texto, exibe um sentido e, em outro momento, um sentido diferente. Portanto, aqui não adentraremos neste estudo. Exemplo nas obras lygianas, a cor amarela predomina quase sempre no sentido positivo, porém há momentos que esta cor tem sentido pejorativo dependendo do contexto da obra.

A simbologia das cores em obras de Lygia Bojunga

Lygia Bojunga, por meio de narrativas simples e cores simbólicas, retrata problemas familiares, políticos, sociais e cognitivos, numa mistura de enigmas e fantasias capazes de levar o leitor ao “brio” do texto.

O brio do texto (sem o qual em suma não há texto) seria a sua vontade de fruição: lá onde precisamente ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta transbordar, forçar o embargo dos adjetivos - que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas. (BARTHES, 1987, p. 21).

O domínio descritivo de Lygia Bojunga, o qual se manifesta a partir da representação das cores, abrange temas adultos e do cotidiano num mar de fantasias e imaginação, com linguagem simples e dialógica, carregada de humor e crítica social. Esses aspectos podem ser observados a seguir.

No romance de Lygia Bojunga, *Corda Bamba* (2009c), Maria é uma menina órfã, equilibrista de circo, que vai morar com a avó sem se lembrar do passado. Porém, por meio de acesso a várias portas coloridas, a menina viaja para dentro de si, onde revive tristes lembranças, algumas alegrias e devaneios em rememoração de sua infância.

Segundo o *Dicionário de Símbolos*, de Lexikon (1997), a porta simboliza a passagem de uma esfera para outra, até do domínio profano para o sagrado. Porta fechada indica, frequentemente, um segredo oculto, proibição; a porta aberta, por sua vez, representa um convite para sua travessia ou significa um segredo revelado.

Lygia Bojunga trabalha a fantasia com o real, abordando uma crítica aos aspectos da vida. Por meio da simbologia das cores e metáforas, ela adentra ao interior, possibilitando reflexão e entretenimento num perfeito equilíbrio. “Todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte do seu trabalho, que problema seria se um texto tivesse de dizer tudo que o receptor deve compreender – não terminaria nunca” (ECO, 2009, p. 09). Eco fala da liberdade interpretativa, porém se preocupa com os limites desta interpretação, para que o leitor não invente além do que o texto permite.

Outro exemplo de como Lygia Bojunga aborda as cores é o seguinte:



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Maria se virou pra sair; o olho bateu na porta amarela. Veio uma vontade tão grande de ver o que é que tinha lá dentro que Maria não resistiu: saiu correndo abriu a porta. Maria foi escorregando pro chão; tanta alegria assim deixava ela até confusa, agora tinha vontade de chorar [...] e levantou num pulo porque ouviu o choro de um bebê também. Marcia e Marcelo estavam segurando a criança que tinha acabado de nascer. Maria espichou o pescoço, louca pra ver. Quis gritar “Nasci! O bebê do barco sou eu!”, mas a emoção era tão grande que o grito não saiu. (BOJUNGA, 2009c, p. 92).

Para o *Dicionário de Símbolos*, de Lexikon, a cor amarela é associada ao significado simbólico do ouro, da luz, do sol, da iluminação, do entendimento, da maturidade, da espontaneidade, da vivência. É a cor dos deuses, a cor mais elevada. Isso explica porque, na porta amarela, Maria foi feliz, chegando ao entendimento por meio da cena de seu nascimento. Viu seus pais lhe dando o precioso presente que é a vida e, então, começou a se sentir iluminada e otimista, com coragem para viver, lutar e ser feliz.

Ao retratar problemas sociais como opressão, coisificação, que refletem a sociedade, Lygia endossa um caminho de superação, esperança e deleito por meio da capacidade de iniciativa da criança e não dos adultos.

A criança, nas obras lygianas, apresenta-se como personagem esférica no sentido do protagonismo infantil, de resgatar suas condições para superar dificuldades diante do meio em que vive. A criança é posta em situações de enfrentamento de medos e é conduzida e encorajada a vencê-los.

As personagens ‘esféricas’ não são claramente definidas por Foster, mas concluímos que suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender. (CANDIDO, 2007, s/p).

Foi na reminiscência da porta cinzenta que Maria teve as inquietações de ser raptada pela avó. O cinza, para Lexikon (1997), representa a cor dos espíritos e das almas errantes, a cor dos sentimentos sombrios, do vazio, da solidão e das adversidades. Por meio das portas coloridas, Maria viaja para dentro de si, reconstituindo fatos passados com fluxos de lembranças, clareando sombras, despertando o desejo de viver em outra sociedade em busca da própria realização individual.

Maria passou uma porção de dias sem voltar no corredor. Ficava na janela do quarto olhando a corda o andaime, lembrando a cor de cada porta, pensando no que ela já tinha visto, que mais que ela ia ver? [...] O barulho vinha da porta cinzenta. [...] – Queridinha! Me dá um beijo. Dá um beijo pra vó. – Vó? – Você não lembra de mim porque sua mãe nunca levou você para me ver. Mas agora nós vamos nos ver sempre eu vim buscar você pra passear. (BOJUNGA, 2009c, p. 94-97).



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

O passeio pelas cores, nas obras de Lygia, é um remédio para as situações trágicas da infância, como o medo tão evidenciado nas obras lygianas. Por meio da simbologia e da magia, podemos entender os mecanismos pelos quais a ficção é capaz de moldar a vida. Umberto Eco escreve: “Não deixemos de ler histórias de ficção, porque é nelas que procuramos uma fórmula para dar sentido a nossa existência” (ECO, 2009, p. 145).

Na porta branca, Maria vê a cena em que, após ser furtada pela avó, a menina ganha como presente de aniversário uma velhinha para lhe contar histórias em troca de comida. A senhora, desnutrida, come tanto bolo de aniversário e guloseimas que não suporta e morre, deixando Maria mais magoada. A cor branca, no dicionário de Lexikon, está associada aos ritos de nascimento, aniversário, casamento, iniciação e morte.

Na porta Azul, Maria viu a cena do desespero da mãe em busca da filha, mas sentiu a alegria do reencontro:

– Te procurei tanto. Mais de dois anos te procurando. Te viram saindo do circo com a tua vó. Corri na casa dela cadê? Tá viajando. Pra onde? Ninguém sabia. Até que enfim te encontrei. – E o papai? Tá no circo te esperando. (BOJUNGA, 2009c, p. 125).

O azul, para Heller (2009), compara-se com o céu e o mar. Nos países socialistas, o azul é a cor da paz e é este sentimento que se resume no reencontro de Maria com os seus pais após tanto tempo.

As portas coloridas levaram Maria a explorar territórios que reproduziam o passado que a menina temia rever, principalmente a porta vermelha: “De repente Maria começou a lembrar do resto todo. Correu pro corredor[...] meteu a mão na maçaneta: dito e feito, a porta vermelha abriu” (BOJUNGA, 2009c, p. 128).

– Não há mais tempo de mudar nada: já fizemos o acordo, o espetáculo vai começar [...] A mãe é bonita assim de malha prateada, arco com flor de tanta cor [...] a malha que o pai usava era preta e arco com flores amarelas. Cada vez diferente, cada vez mais depressa. Cada vez, que é isso!! O arco de cor se embarça no amarelo; cai. Marcia falseia o pé, o corpo vira, o pai quer pegar um braço, um cabelo, um resto dela, mas tudo escapa, ela vem vindo, ele se vira todo, já vem também, o tambor parou, ninguém diz ai, só tem silêncio, que depressa que gente cai!! (BOJUNGA, 2009c, p. 128-133).

Foi na porta vermelha que Maria viu a morte dos pais. Para Heller (2009), o inferno e o diabo são vermelhos. Significa pare, perigo, proibido. É também a cor da guerra, do sangue da agressividade e da morte. A cor preta, que trajava o pai de Maria, representa o nada, sem possibilidade, como a morte após o aniquilamento do sol. Silêncio, falta de perspectiva e de esperança. A cor prata das vestes da mãe, no espetáculo que antecedeu sua morte, representa a cor da purificação da alma.

No romance é perceptível que, por meio das portas e das possibilidades, Maria vai se emadurecendo e enfrentando seus medos em busca de suas vontades e sonhos.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

E foi assim mesmo que Maria fez [...] às vezes abria uma porta só, às vezes duas ou três, variava o jeito de acostumar. E acostumou: o medo de abrir porta foi embora; até mesmo a porta cinzenta, até a porta vermelha! Encarava elas todas, olhava cada canto, olhava tudo que tinha pra ver. [...] de repente parou de olho arregalado: ué que porta nova era aquela? Era uma porta diferente: parecia que estava experimentando cor: tinha uma porção de pinceladas cada uma de uma tinta. Maria abriu a porta bem de leve e bem devagar, mas sem medo. [...] O tempo vai passando, mais portas vão aparecendo, e Maria vai abrindoelas todas, e vai arrumando cada quarto, e cada dia arruma melhor, não deixa nenhum cantinho pra lá. Num quarto ela bota o circo onde ela vai trabalhar; no outro ela bota o homem que ela vai gostar; no outro os amigos que ela vai ter. Arruma, prepara, prepara: ela sabe que vai chegar o dia de poder escolher. (BOJUNGA, 2009c, p. 139 -143).

Por meio das cores, percebemos o sentido simbólico desta narrativa que concilia temas considerados delicados para crianças, mas que se tornam leves e mágicos, permitindo uma nova leitura, uma transposição, uma nova forma de ver a vida. Maria, que vivia se equilibrando na corda bamba, enfrenta todos os desafios recompondo os dramas da sua vida circense. Nos quartos vazios, ela soube preencher e construir sua história, pela sua excelência, sua busca e descoberta de si, com segurança e esperança em meio às incertezas.

É fácil entender por que a ficção nos fascina tanto. Ela nos proporciona oportunidade de utilizar infinitamente de nossas faculdades para perceber o mundo e reconstituir o passado. A ficção tem a mesma função dos jogos. Brincando as crianças aprendem a viver, porque simulam situações em que poderão se encontrar como adultos, exercitando nossa capacidade de estruturar nossa experiência passada e presente. (ECO, 2009, p.137).

Além da abordagem do cotidiano e de inúmeras cores a que a escritora faz referência em suas obras, é importante ressaltar que a realidade é retratada com apresentação de temas que vão ao encontro do cotidiano de crianças e adultos.

O romance *Nós Três* inicia-se com a seguinte cena: “A Rafaela sai de casa e vem beirando a salina... Entra no coqueiral. Para. De tanto coqueiro assim junto, lá dentro está meio escuro, vai ver é melhor voltar? Mas o olho vê lá longe a Flor Azul” (BOJUNGA, 2006b, p. 08). A menina Rafaela estava de férias na praia deserta, casa da solitária Mariana, uma escultora, amiga de sua mãe. Um velho pescador havia lhe contado da existência da flor azul: que a morte andava a cavalo e saía pisando em todas as flores, mas, quando via esta, já gritava de longe que a flor lhe pertencia e que o cavalo não poderia pisar naquela flor, pois ela guardava o amor. A menina Rafaela, num gesto de curiosidade e encantamento, colhe a flor. Surge um vento forte, o mar se encrespa, a menina começa a ser levada pelo vendaval, mas um jovem marinheiro que passava por ali a salva, tornam-se amigos e ela dá a ele a flor azul, símbolo da fidelidade, do sonho, do romantismo.

A flor azul é a encarnação do romantismo. Em 1802 apareceu no romance de Novalis Heinrich von Ofterdigen. Nele um jovem poeta Henrique sonha com



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

uma flor azul...a rosa se transforma até tomar a aparência do rosto de uma jovem..., mas o sonho faz com que ele deixe sua casa... no estrangeiro ele conhece Matilde. ‘Aquele rosto que se inclinava para mim, saído do cálice da flor, era o rosto celestial de Matilde...’ Então ele exclama: ‘sinto uma fidelidade eterna dentro de mim!’ Em breve Matilde morre – mas nem mesmo a morte é capaz de separar os que se amam. (HELLER, 2009, s/p).

Estudos afirmam que a cor azul tranquiliza. O marinheiro Davi, que recebera a flor da menina, era um homem de vida errante, desinquieto, do mundo, que adorava não ter uma moradia fixa e era louco pelo mar. Assim ele fala:

– Não é dormência não, é um jeito de dizer que o pé queria andar, ir para a estrada de novo, mudar! De tanto viver feito cigano eu tinha habituado e comecei achar muito chato ficar sempre no mesmo lugar. Foi aí que eu peguei mania de mar: essa coisa assim aberta e livre, não é lindo? Olha! a gente olha para ele e não tem nada atrapalhando o olho... – Um dia não aguentei mais a curiosidade de ver até onde o mar me levava: fui ser marinheiro... – O mar foi minha escola. – ‘Eu disse. Não aguento ficar muito tempo no mesmo lugar. Vou me sentindo amarrado.’ (BOJUNGA, 2006b, p. 17-18).

No final do livro, a jovem escultora Mariana, que estava de namoro com o marinheiro Davi, sente-se ameaçada quando ele fala em partir. E num gesto de ciúmes e loucura, com uma faca na mão, assassina-o, deixando Rafaela em desespero e pensando: “Será que a flor azul ainda estava no bolso de Davi?” (BOJUNGA, 2006b, p. 87). O fato de Rafaela, no início da narrativa, dar a Davi a flor azul, representa um mistério, um segredo, um enigma.

Heller pontua que, “[m]esmo se um idioma não existir nenhuma palavra para a cor azul, ela pode ser descrita facilmente pelas comparações: “como o céu”, “como o mar”. (HELLER, 2009, s/p). O marinheiro Davi, que havia perdido um braço no mar, falava que este sempre o chamava para dentro dele. Ele sentia vontade de ir para o fundo das águas. Mariana, após a prática do crime, carrega o corpo de Davi num barco e o atira nas águas, onde estava sua outra parte.

Em sua obra sobre o espiritual da arte, Kandinsky escreve: ‘Quanto mais profundo o azul, mais ele chama o homem em direção ao infinito despertando nele o anseio pelo puro e finalmente pelo transcendental.’ Esse azul do anseio também se encontra nos blues. Os blues surgiram entre os negros americanos e seu nome, naturalmente, veio de azul – que inclusive, em inglês, significa também ‘triste’ e ‘melancólico’. (HELLER, 2009, s/p).

Ainda no romance *Nos Três*, a menina Rafaela cochicha um segredo no ouvido do Davi de pedra, esculpido por Mariana. Após a morte de Davi, Rafaela sonha que foi ao fundo do mar encontrar com o amigo e lá avista um anjo que trazia, num embrulho vermelho, o segredo que ela cochichara no ouvido da escultura. Para Heller (2009), o vermelho representa o amor, o perigo, o difícil de compreender. Supondo que, pela simbologia das cores, Rafaela



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

nutria de sentimentos amorosos por Davi, ela também estava envolvida no redemoinho da paixão trágica.

Vejam os diálogos de Rafaela com Davi, numa tentativa de descobrir informações sobre sua vida amorosa: “A Rafaela largou o buquê e deitou de queixo na mão. – Conta outro jeito. – ? – De namorar. – Mas por que esse interesse no assunto? Você tá em idade de brincar e não de namorar... – Mas eu posso brincar de namorar...” (BOJUNGA, 2006b, p. 21).

Por detrás do simbolismo está a experiência: o sangue se altera, sobe à cabeça e o rosto fica vermelho, de constrangimento ou por paixão, ou por ambas as coisas simultaneamente, enrubescemos de vergonha, de irritação ou por excitação. Quando se perde o controle sobre a razão, ‘vê -se tudo vermelho’. (HELLER, 2009, s/p).

No epílogo do romance *Nos Três*, Rafaela volta para casa dos pais e o velho pescador tinha uma nova história para contar: uma mulher, chamada Mariana, tirava muitas coisas de dentro das pedras que entalhava. Certo dia, sua mão desaprendeu de esculpir e só sabia repetir a mesma coisa, cinzelar o marinho Davi nas pedras, numa constante cópia. E quem passou por lá viu as janelas e portas verdes abertas, ela chorando batendo nas mãos para ver se elas acordavam para esculpir. Até que um dia, cansada daquilo, ela fechou a casa e saiu num barco. Ninguém sabe para onde foi.

No *Dicionário de Símbolos*, de Lexikon, a pedra é o lugar onde a energia ou a alma do morto continua existindo. As mãos simbolizam poder. Janelas e portas verdes abertas representam receptividade e abertura para as influências de fora, com esperança e imortalidade. O barco é travessia, fronteira. O livro finaliza com um novo ciclo, apesar de a morte se fazer presente, ela deixa brechas para a esperança e para a valorização da vida.

O romance *Meu Amigo Pintor* (2006a) retrata a amizade do adolescente Cláudio com seu amigo pintor, um senhor apaixonado por dona Clarice, pela pintura e por política, mas que, na verdade, vivia o drama da solidão. O amigo pintor suicida-se e o adolescente fica com a alma atormentada de um artista, deslumbrado com o mundo das cores, formas e interpretações da vida: “Eu não sei se eu nasci desse jeito ou se eu fui ficando assim por causa do meu amigo pintor, mas quando eu olho para uma coisa eu ligo logo é na cor” (BOJUNGA, 2006a, p. 08).

Lygia Bojunga associa as cores aos sentimentos vividos pelo personagem: “O meu amigo me disse que quanto mais a gente prestava atenção numa cor, mais coisa saía de dentro dela. Eu fiquei olhando pra cara dele sem entender. Não entendi mesmo aquela história de tanta coisa ir saindo de dentro de uma cor” (BOJUNGA, 2006a, p. 09).

Ao analisar o álbum de pintura ganhado pelo amigo pintor, Cláudio começa a entender e rememorar situações vividas com o amigo.

Fui lá. Não aguentei olhar pra ele assim morto: virei a cara pra parede e dei de cara com um quadro que ele tinha pintado: uma mulher amarela (Um dia ele me disse que ela estava assim toda amarela porque ele tinha acordado contente, e eu que ainda não sacava nada de cor – fiquei achando que era birutice do pintor). (BOJUNGA, 2006a, p. 11).



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

à medida que Cláudio se concentrava nas cores e abrangia suas simbologias, os sentimentos eram aguçados. Sua capacidade de sentir medos, emoções, incertezas e esperanças... aumentava: “De repente comecei a me sentir todo escuro por dentro. Tão escuro que não dava pra enxergar mais nada dentro de mim”. (BOJUNGA, 2006a, p. 11). A autora Lygia Bojunga, por meio das mais variadas cores, consegue adentrar o universo infantojuvenil e tratar de temas delicados, que não podem e não devem ser afastados da criança e do adolescente, pois fazem parte de seu cotidiano: “[...] nada. Só aquele branco todo. Eu nunca pensei que silêncio fosse assim tão branco. E aí, sim, eu vi mesmo que meu amigo tinha morrido e que branco doía mais que preto; que amarelo; nem se fala! doía mais que qualquer cor” (BOJUNGA, 2006a, p. 13).

No livro *O Meu Amigo Pintor*, Cláudio começa a compreender as cores e passa a compreender a si mesmo e, a partir disso, vem o amadurecimento. Com a ajuda de Clarice (exemplo de adulto capaz de compreender o universo infantil), ele começa a entender que, apesar das perdas, a vida não pode parar e precisa ser vivida da melhor forma. É assim que o vermelho, que era a cor que representava a confusão e a complicação, cede lugar ao amarelo que, apesar de ambivalência, começava a revelar o início do entendimento da perda e da morte:

Pra mim, morte também é coisa vermelha, coisa difícil de entender. Mas se ela vem feita ela vem pra tanta gente todo dia, aí fica mais fácil um pouco de sacar. Então eu vim pra casa com aquela frase voltando sempre na minha cabeça: ele morreu que nem todo mundo um dia morre. E aí aconteceu uma coisa que eu achei bem legal: foi nascendo um amarelo lá dentro do meu vermelho. (BOJUNGA, 2006a, p. 23).

Outros trechos que merecem destaque são: “No meu álbum tem uma pintura que é toda cor-de-saudade e na frente tem três pessoas: uma branca e duas azuis”. (BOJUNGA, 2006a, p. 36). E ainda:

Mas hoje quando acordei, tinha um azul incrível entrando na minha janela. E tinha um sol que era uma coisa linda de tão amarelo, um amarelo que quando eu experimentei olhar pra ele na cara ele foi se alaranjando. Lembrei da pintura que meu amigo tinha feito no fim do álbum: era também um céu assim de verão. (BOJUNGA, 2006a, p. 82).

A conjunção entre fantasia e realidade contida nas obras de Lygia Bojunga constrói um mundo subjetivo onde, simultaneamente, os símbolos e a leitura das cores são capazes de levar-nos ao racionalismo concreto e ao prazer da obra: “O universo metafórico de Lygia Bojunga Nunes é de grande riqueza polissêmica, possibilitando várias leituras. Uma delas é a leitura crítica com relação ao contexto social que ela tematiza” (SANDRONI, 1987, s/p).

É dessa forma, assimilando e reconstruindo o real, por meio da simbologia e do significado das cores, que a literatura infantojuvenil de Lygia permite a recriação, interpretação e a fruição. Barthes (2004, p. 64) afirma que “a unidade do texto não está em



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

sua origem, mas no seu destino”, ou seja, é o leitor que irá desvendar o texto e que tentará preencher seus espaços vazios. Essa afirmação é ratificada por Sartre:

O ato criador é apenas um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; se o escritor existisse sozinho, poderia escrever quanto quisesse, e a obra enquanto objeto jamais viria à luz: só lhe restaria abandonar a pena ou cair no desespero. Mas a operação de escrever implica a de ler [...]. É o esforço conjugado do autor com o leitor que fará surgir esse objeto concreto [...]. Só existe arte por e para outrem. (SARTRE, 1993, p. 37).

Umberto Eco, em sua obra *Os limites da interpretação* (2015), reitera que um texto “aberto” pode provocar uma infinidade de leituras sem, contudo, permitir uma leitura qualquer. Não é possível dizer qual a melhor interpretação de um texto, mas é possível dizer quais as interpretações censuráveis.

A simbologia das cores e a sua influência psicológica nos remetem a informações carregadas de significados e interpretações. “A cor é uma linguagem individual. O homem reage a ela subordinado as suas condições físicas e as suas influências culturais” (BASTOS; FARINA; PEREZ, 2006, p. 16).

As cores são interpretadas à luz da psicologia e da fenomenologia, é importante ressaltar o que diz Eco em seu livro: *Obra aberta*:

Já Husserl advertia que cada momento de vida de consciência tem um horizonte que varia com mudar da sua conexão de consciência e com o mudar de sua fase de desenvolvimento... Por exemplo em cada percepção externa, os dados propriamente percebidos do objeto de percepção contêm uma indicação dos lados ainda somente entendidos de maneira secundária não ainda percebidos mas apenas antecipados no modo da expectativa e também na ausência de toda intuição – como aspectos que ainda estão por vir na percepção. É esta uma pro tensão continua, que adquire um sentido novo em cada fase da percepção [...], e assim por diante. (ECO, 1991, s/p).

A simbologia das cores está presente ao longo da história. Ela explica e norteia certos sentimentos. Vejamos no último romance de Lygia Bojunga analisado neste estudo, *O meu amigo pintor*, o significado de algumas cores: branco (nevoeiro) representa a morte; o vermelho, a confusão; a cor amarela está ligada à ambivalência e à traição. Também há cores para representar dor, saudade, solidão. Pode ocorrer de estas cores apresentarem interpretações díspares em outras situações nos romances. De todo modo, “A literatura infantil, trabalhando com a linguagem simbólica dá à criança respostas a seus conflitos, possibilitando-lhe vivenciá-los em seu imaginário e com isso sugerindo soluções que a levarão ao amadurecimento” (SANDRONI, 1987, s/p).

Considerações finais



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Como afirma Goethe (2013), para se obter cor, é preciso luz. Para Lygia Bojunga Nunes, as cores são a luz que leva os personagens à formação, ao amadurecimento, a introspecção. Por meio de uma linguagem metafórica e lúdica, com uma postura reflexiva e questionadora, não é possível ter distanciamento entre autor e leitor, pois a autora escreve de forma transformadora.

As obras de Lygia tematizam os problemas da sociedade contemporânea como autoritarismo, opressão e depressão, temas que fragmentam o ser humano, levando o leitor infantojuvenil a encontrar respostas para o seu cotidiano por meio de valores, símbolos e alegorias. Além disso, permite-nos uma agradável leitura, com coloquialismo e criatividade linguística, sem moralismo, com uma forma de escrita espontânea, pela qual o narrador interage com o leitor, numa linguagem informal, com discurso direto e indireto livre.

Nos romances aqui apresentados, o espaço é o correlativo do tempo, e a morte atemporal, porém deixando brechas para a ressurreição, a purificação ou o advir de um novo ciclo. As narrativas carregadas de cores, que Lygia nos apresenta, formam um leitor ativo. É por meio das cores que Lygia fantasia e cria os espaços brancos para a recriação do leitor, mediante questões sociais consideradas difíceis de serem compreendidas pelo público infantil, como a morte, mas com brechas para a esperança e para a valorização da vida, presente nos três romances.

Referências

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

BASTOS, D.; FARINA, M.; PEREZ, C. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

BOJUNGA, L. **O meu amigo pintor**. 22. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006a.

_____. **Nós três**. 4. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006b.

_____. **A Casa da madrinha**. 19. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2009a.

_____. **Corda bamba**. 23. ed. Rio de Janeiro: casa Lygia Bojunga, 2009c.

_____. **Sapato de salto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2018

BRONSON, S. **Os segredos das cores**. Montreal: Éditions Québecor, 2011.

CANDIDO, A. A personagem no romance. In: CANDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

ECO, U. **Obra aberta**. Tradução Perola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1991

GOETHE, J. W. **Doutrina das cores**. 4. ed. Tradução Marco Giannotti. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.

HELLER, E. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2009.

HUSSERL, E. **Meditações Cartesianas: introdução à fenomenologia**. 70. ed. Tradução Frank de Oliveira. São Paulo: Editora Madras, 2001.

_____, E. **A idéia da Fenomologia**: ed. Tradução Frank de Oliveira. São Paulo: Editora Madras, 2001.

LEXIKON, H. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Cultrix, 1997.

SANDRONI, L. **De Lobato a Bojunga: as renações renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SARTRE, J. P. **O que é LITERATURA?** São Paulo: Ática, 1993

SILVA, V. M. T. O mar na ficção de Lygia. In: SILVA, V. M. t. **Literatura infantojuvenil: seis autores, seis estudos**. Goiânia: UFG, 1994.

VALCAPELLI. **Cromoterapia, o segredo das cores**. São Paulo: Vida e Consciência, 2007.